

As Manifestações Públicas Articuladas por Grupos Pró e Contra o Impeachment de Dilma Rousseff nas Mídias Sociais Digitais ¹

Cleide Rodrigues PICOLO²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

O estudo analisa as manifestações públicas articuladas por grupos pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff nas mídias sociais. O objetivo é observar como estes usaram as redes sociais digitais para promover o debate, a articulação e a mobilização social e transformar o contexto histórico do país. Teorias sobre cibercultura, comunidades virtuais e movimentos sociais trarão contribuições para refletirmos sobre a relevância dos sites de redes sociais como facilitadores do empoderamento e engajamento social. Analisaremos, ainda, as *fanpages* desses grupos na efervescência do processo. Concluímos que o uso da tecnologia deu visibilidade aos eventos articulados nas mídias digitais, sem ter sido decisivo para destituir a presidente, já que dentro deste contexto social e institucional devem ser considerados também interesses econômicos e políticos e o papel da grande mídia.

Palavras-chave: Redes Sociais; Cibercultura; Mobilização Social; Movimentos Sociais; Impeachment de Dilma Rousseff.

Introdução

Este artigo analisa as manifestações públicas articuladas por grupos pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff nas mídias sociais digitais. O objetivo é observar a apropriação das ferramentas tecnológicas por esses “movimentos” para promover o debate, o empoderamento e o engajamento social e transformar o contexto político e histórico do país. Trata-se de um tema relevante, considerando-se o contexto da sociedade contemporânea, que promove cada vez mais um relacionamento mediado pelo computador e dispositivos móveis conectados à internet; e que o referido fenômeno ocorrido no Brasil não foi um caso particular, outras nações na história mundial têm vivido situações com certa similitude neste início de século 21.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Digital integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, email: cleide.picolo@gmail.com

O avanço das tecnologias de informação associado à democratização da internet permitiram a ampliação e a difusão vertiginosa da conexão entre indivíduos em todo o planeta quase que instantaneamente. Consideremos ainda que “antes que as plataformas de redes sociais tivessem sido desenvolvidas, já estava no genoma da internet a tendência para as redes de agrupamentos humanos” (SANTAELLA, 2013, p.25).

A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015), encomenda pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República ao Instituto Ibope Inteligência, mostra um envolvimento significativo dos brasileiros com a internet e o crescimento gradativo de inserção da população nos ambientes das mídias digitais sociais. Neste levantamento acerca dos hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, no que cerne à questão da internet e redes sociais digitais, o panorama é:

Praticamente a metade dos brasileiros, 48%, usa internet. O percentual de pessoas que a utilizam todos os dias cresceu de 26% na PBM 2014 para 37% na PBM 2015. O hábito de uso da internet também é mais intenso do que o obtido anteriormente. Os usuários das novas mídias ficam conectados, em média, 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos finais de semana – na PBM 2014, os números eram 3h39 e 3h43 –, valores superiores aos obtidos pela televisão. O uso de aparelhos celulares como forma de acesso à internet já compete com o uso por meio de computadores ou notebooks, 66% e 71%, respectivamente. O uso de redes sociais influencia esse resultado. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o Whatsapp (58%) e o Youtube (17%) (PESQUISA brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014, p.7).

Assim, nossa pesquisa problematiza a seguinte questão: quão importante foi a articulação de grupos como Movimento Brasil Livre e Vem pra Rua (a favor do impeachment); e Frente Brasil Popular e Povo Sem Medo (contra o impeachment) nas mídias sociais digitais no processo de luta pelo reconhecimento de suas causas?

A hipótese é que as atividades nos ambientes “virtuais” têm papel relevante no processo de transformação social desta sociedade que se conecta e se relaciona pela internet. Os sites de redes sociais digitais contribuem para aflorar a discussão e auxiliar seus usuários na organização e mobilização social, mas não excluem ações no espaço real. Dentro deste processo social e institucional, deve ser considerada a influência do contexto histórico, político e econômico de cada sociedade.

Para isso, a pesquisa deverá se valer de referenciais teóricos acerca de cibercultura, comunidades virtuais e movimentos sociais para refletirmos sobre a relevância dos sites de redes sociais como facilitadores para o empoderamento e engajamento social. Além disso, vamos analisar a atuação de grupos pró e contra o impeachment nas mídias sociais digitais.

Por ser amplo o campo de estudo acerca do conteúdo das páginas do Facebook dos grupos investigados, a proposta é delimitar a pesquisa na organização dos “eventos” das *fanpages* e a repercussão destes junto aos seus seguidores. O foco é buscar frases ou palavras-chave que remetam à luta desses “movimentos em rede” em defesa de suas causas.

1. A internet e as redes sociais digitais na sociedade contemporânea

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) estão no cotidiano de uma parcela significativa da sociedade mundial, conseqüentemente, sentimos essa representatividade na vida da população brasileira. As pessoas não apenas estão conectadas por equipamentos móveis, como também fazem uso deles para externar aquilo que pensam. O uso das mídias sociais digitais dispensa a mediação de canais tradicionais de comunicação, fazendo dos cidadãos protagonistas de suas próprias histórias. Assim, a internet e as redes de mídias sociais digitais disponibilizam ferramentas que facilitam o engajamento dos usuários por possuírem custos reduzidos para a participação, compartilhamento e circulação de conteúdos. O Facebook é um instrumento que converge para a linha da mobilização social.

Notamos o quão utilizado foram os recursos tecnológicos e as mídias sociais digitais por grupos que atuaram pró e contra o processo de impeachment de Dilma. Daí o nosso interesse em compreender a participação dos brasileiros nas grandes manifestações públicas em tempos de redes sociais digitais, considerando que “o espaço público virtual funciona efetivamente mais como foro catártico do que como espaço deliberativo. [...] A ação política, aquela com conseqüências decisivas sobre os rumos da história, continua sendo presencial e não virtual” (SORJ, 2014, p. 90).

Assim, faz-se necessário fazermos uma contextualização acerca de cibercultura e inserção da internet no cotidiano da sociedade. Daremos início à definição de ciberespaço como um “o espaço de comunicação aberto pela interconexão dos computadores e das memórias dos

computadores” (LÉVY,1999, p.31). Vale abordarmos ainda a representatividade da web na sociedade, com base na análise de Alexe Primo:

A Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam os processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática. (...) uma rede social não se forma pela simples conexão de terminais. Trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através das interações entre os envolvidos. Esta proposta, porém, focar-se-á não nos participantes individuais, e sim no ‘entre’(interação = ação entre) (PRIMO, 2007, p.2-7).

Raquel Recuero observa (2009) uma profunda mudança quanto a formas de organização, identidade, conversação e mobilização social a partir do advento da comunicação mediada pelo computador.

Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas por computador. (...) Elas conectam não apenas computadores, mas pessoas (RECUERO, 2009, p.16-17).

As redes sociais hoje aproximam aqueles que têm afinidade por assuntos comuns e uma só pessoa pode estar conectada a diversos grupos ou comunidades virtuais. As possibilidades foram ampliadas e a conexão entre as pessoas tem-se expandido cada vez mais por conta do avanço das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Um marco no processo de disseminação da internet em escala mundial ocorreu em outubro de 1994, com a produção e comercialização do *Netscape Navigator*, visto como o “primeiro navegador da internet digno de confiança”. A partir de então, “logo surgiram novos navegadores, ou mecanismos de pesquisa, e o mundo abraçou a internet, criando uma verdadeira teia mundial” (CASTELLS, 1999, p.89).

A ampliação do acesso à internet tem ocorrido por uma série de fatores, entre eles, a facilidade de uso das ferramentas. “Geralmente basta saber clicar nos botões corretos ou escolher as operações que se quer efetuar em um ‘menu’ ou, no pior das hipóteses, digitar alguns comandos que são rapidamente decorados” (LEVY, 1999, p.108).

O surgimento das redes sociais, também conhecidas por redes de relacionamento, ocorreu a partir de 2003 e funcionam como plataformas sociais por conta da facilidade de

intercomunicação dos usuários por meio dos recursos proporcionados por serviços online de acesso gratuito (SANTAELLA, 2013, p.28). Já Recuero (2009) observa que a conexão mediada por computador é composta da interação, das relações e dos laços sociais.

Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. (...) Essas interações são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos os quais continuam ali. (...) Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas (RECUERO, 2011, p.30-31).

Na concepção de Santaella (2013), as redes sociais facilitam a sociabilidade e expõem as relações entre os usuários, criando novas formas de sociabilidade. Em abordagem sobre grupos das redes sociais, Viana (apud SANTAELLA, 2013, p.37) diz que estes “se formam e se mantêm coesos ou não, uma vez que o tempo e o espaço são dinâmicos, efêmeros e fragmentados entre as perspectivas que cada um pode gerar ou absorver nesses âmbitos de convivência”. Santaella conclui que “criam-se assim, laços fracos e, com muito menos frequência, laços fortes” (2013, p.37).

Notamos, então, que a sociedade contemporânea está cada vez mais conectada, inserida num processo sem volta. Os investimentos em tecnologias de informação e comunicação não param, contribuindo para a expansão da rede. Conseqüentemente, este contexto passa a influenciar e transformar a vida das pessoas. Os brasileiros estão inseridos nesse contexto e utilizam as ferramentas tecnológicas disponíveis em suas práticas cotidianas.

2. Incursões sobre o uso das ferramentas digitais na promoção do debate público

O movimento de impeachment de Dilma Rousseff, iniciado em 12 de maio e concluído em 31 de agosto de 2016, começou muito antes da abertura oficial do processo. A presidente foi eleita para cumprir um novo mandato. No entanto, sua reeleição não foi fácil. Ela venceu as eleições, em 2014, com 51,6% dos votos válidos. O país ficou dividido. Houve uma notória polarização no cenário político e disputa de poder interna. O segundo governo foi marcado por crise econômica e política, denúncias de corrupção e pressão da grande mídia, entre outros fatores.

De março a dezembro de 2015, foram registrados ao menos nove atos e manifestações públicas a favor e contra o governo, com presença significativa de pessoas nas ruas (MAPA das manifestações no Brasil, Portal G1, s.d., s.p.). Novos protestos ocorrem 2016, tendo seu ápice em 13 de março de 2016, quando o pedido de impeachment passa a ganhar força. A partir de então, diversos manifestos são articulados nos ambientes das redes sociais digitais por grupos contra e favor do impeachment. Os fenômenos ocorridos no Brasil não são particulares se comparados ao contexto mundial.

CASTELLS (2013) analisa acontecimentos históricos recentes que evidenciam transformações sociais a partir da utilização das ferramentas tecnológicas e da conexão entre as pessoas por meio das redes sociais da internet, vistas pelo autor como “espaços de autonomia”. Ele faz um mapeamento da atuação de movimentos sociais em diversos países que ganharam força e visibilidade e força por meio de ações em ambientes sociais digitais.

Ao longo da história, os movimentos sociais foram e continuam a ser as alavancas da mudança social. Geralmente se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana para a maioria das pessoas. [...] Assim, na experiência histórica e na observação dos movimentos analisados neste livro, os movimentos sociais muitas vezes são desencadeados por emoções derivadas de algum evento significativo que ajuda os manifestantes a superar o medo e desafiar os poderes constituídos apesar do perigo inerente a suas ações (CASTELLS, 2013, p.161-162).

Para o autor, os movimentos estudados e outros similares ocorridos no mundo nasceram de uma “crise econômica estrutural e de uma crise de legitimidade cada vez mais profunda” (CASTELLS, 2013, p.162-163). Há autores que veem as ferramentas sociais da internet como forma de empoderamento. “As redes sociais e mídias apresentam oportunidades para ação, mobilização e comunicação, podendo desempenhar diferentes papéis nas lutas por reconhecimento” (ROSSINI, 2014, p.312). A autora observa que assistimos, então, ao ativismo nas redes ou ciberativismo dos movimentos políticos, que surgiu como uma consequência do uso frequente dos dispositivos móveis conectados à internet. Seria um aperfeiçoamento ao ativismo tradicional como relembra Santaella (2013, p.34):

A tradição do ativismo, especialmente de cunho político, teve suas origens muito antes da internet, de modo que as redes vieram trazer novos tipos de informações de movimentos sociais e diferentes formas de

ativismo, intensificando uma vocação coletiva em prol da justiça social. (...) hoje, os movimentos sociais ganharam aceleração e amplitude graças às tecnologias computacionais interativas, especialmente, as nômades, que se desvencilharam dos limites impostos pelos fios.

Sobre a onda de protestos e manifestações apoiadas na internet ocorridas no mundo, inclusive no Brasil, Sorj (2014) faz uma reflexão pertinente daquilo que ele denomina de fenômenos sociais “glocais” – fusão de realidades locais e globais. O autor diz que “no mundo atual, de comunicação instantânea, é de esperar que os fenômenos locais tenham influência quase imediata em outras latitudes” (2014, p. 87). Ao analisar tais contextos, ele observa que é fundamental considerar questões sociais e institucionais:

Sem dúvida, as características específicas de cada tecnologia de comunicação influenciam os processos sociais, e os novos meios de comunicação disseminam a informação em tempo real e de forma viral. Porém, os motivos que levam as pessoas às ruas para exprimir insatisfação e anseios de mudança devem ser procurados nos contextos sociais e institucionais, não nas tecnologias. (...) os novos meios de comunicação têm sua importância potencializada pelo declínio das instituições que, anteriormente, sem necessidade de telefone celular ou da internet, eram capazes de levar milhares às ruas (2014, p.88-89).

Temos mostrado que as redes sociais facilitam a interação e a conexão entre seus usuários de diversas formas, fazendo com que as pessoas façam parte de grupos e comunidades de acordo com suas características individuais. Além de abordar a interação, relação e laços sociais entre as formas de conexões em uma rede social, Recuero (2009) trabalha com outro elemento relacionado à qualidade das conexões na rede: o capital social.

O capital social, como vimos, pode assim nos auxiliar na compreensão dos laços sociais e do tipo de rede social formada através das ferramentas sociais observadas na internet. É preciso, assim, estudar não apenas a existência das conexões entre os atores nas redes sociais mediadas pelo computador, mas, igualmente, estudar o conteúdo dessas conexões, através dos estudos de suas interações e conversões. Esse conteúdo pode auxiliar a compreender também a qualidade dessas conexões de forma mais completa (2009, p.54).

Tratamos, aqui, que a internet e as mídias sociais digitais são ferramentas que permitem à sociedade amplificar de forma significativa informações e conteúdos. As informações se propagaram em tempo real e de forma viral na sociedade em rede. “O novo espaço público virtual funciona de forma viral através de mensagens curtas, aglutinando indivíduos em torno de um denominador comum, em geral algo a que se é contra” (SORJ, 2014, p. 90).

Rossini (2014) observa que “os grupos do Facebook são estruturas sociais organizadas por interesses ou causas em comum, espaços de discussão públicos ou restritos, moderados (ou não) por usuários que atuam como administradores”. A autora observa também que “os eventos facilitam a mobilização e articulação de ações práticas e os grupos permitem a manutenção de ambientes permanentes de engajamento e interação” (2014, p.314).

No fenômeno do impeachment de Dilma Rousseff, grupos publicizaram suas causas e ideologias pelas mídias sociais digitais que funcionaram como ferramenta para a disseminação e agendamento de suas ações. Antes de analisarmos o comportamento de grupos que se articularam pró e contra o impeachment em suas *fanpages*, acreditamos ser relevante, discorrermos sobre o que vem a ser comunidade e movimentos sociais.

3. Uma passagem sobre conceitos de comunidade e movimentos sociais

A palavra comunidade nos remete a várias reflexões. De modo geral, é pensar comunidade como espaço de convívio, de compartilhamento entre seus membros, de ações coletivas pelo bem comum, de pertencimento de algo coletivo. Fazer parte de uma comunidade extrapola o campo territorial. Compartilhar interesses comuns também ocorre no mundo virtual. Vários autores debateram e debatem o que vem a ser comunidade, sendo necessária a atualização de conceitos, sem desconsiderar os estudos do passado, como diz Peruzzo:

As noções de ‘territorialidade’, ‘auto-suficiência’ e ‘identidade’ [como uma relação] perfeita entre os membros, por exemplo, foram revistas em decorrência do avanço tecnológico e das alterações do modo de vida. [...] Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outra (a distância), mas possibilita a coexistência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas. Apesar das alterações, muitos dos princípios desenvolvidos pelos clássicos preservam grande validade até os dias atuais. As comunidades continuam a se caracterizar pela existência de um modo de relacionamento baseado na coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, co-responsabilidade e caráter cooperativo (apud PERUZZO; BERTI, 2010, p.7).

Raquel Recuero (2009) compara a estrutura básica da comunidade na rede como a de um *cluster*, ou seja, de um aglomerado de nós com maior densidade de conexões, que pode ser diferenciado, com características diferenciadas. Ela segmenta as comunidades virtuais em possíveis topologias: emergentes, associativas (ou de filiação) e híbridas.

As comunidades emergentes, assim, parecem ser fruto de redes relativamente pequenas, que permitam a seus indivíduos manter um contato mais pessoal e construir laços sociais de diversos tipos. (...) As comunidades associativas são baseadas na identificação dos atores com um elemento, como um objeto, lugar, ideia e são construídas com base na vinculação do ator com este elemento. (...) As comunidades de associação parecem agregar-se em torno de interesses comuns voltadas para a identificação e o ‘estar junto’ mais independente da interação social mútua entre os atores. (...) essas comunidades não mostram um vínculo territorial entre os atores, como as comunidades emergentes parecem mostrar. Por fim, levantamos ainda a possibilidade de tipos híbridos, que seriam agrupamentos que possuem tanto as características das comunidades emergentes quanto a das comunidades associativas. Nesses grupos haveria a presença de um cluster ainda fracamente conectado através da interação social reativa. Há, assim, um grupo associado (fãs, admiradores etc) que possui as características da comunidade associativa e um grupo emergente (amigos e integrantes) que possui as características da comunidade emergente (2009, p.161-163).

Nesta pesquisa consideramos importante entendermos o conceito de movimentos populares.

Aqui, fazemos uso do ponto de vista de Cicilia Peruzzo:

Movimentos populares são manifestações e organizações constituídas com objetivos explícitos de promover a conscientização, a organização e a ação de segmentos das classes subalternas visando a satisfazer seus interesses e necessidades, como os de melhorar o nível de vida, através do acesso às condições de produção e de consumo de bens de uso coletivo e individual; promover o desenvolvimento educativo-cultural da pessoa; contribuir para a preservação ou recuperação do meio ambiente; assegurar a garantia de poder exercitar os direitos de participação política na sociedade e assim por diante. Em última instância, pretendem ampliar a conquista de direitos de cidadania, não somente para pessoas individualmente, mas para o conjunto de segmentos excluídos da população (2005, p.20).

Antes de diversas manifestações populares se propagarem por vários lugares do planeta fazendo uso de ferramentas tecnológicas, num efeito dominó, pesquisadores sobre movimentos sociais na América Latina já previam um cenário nada animador para essas sociedades. “Níveis sem precedentes de violência, pobreza, discriminação e exclusão parecem indicar que o ‘desempenho’ e próprio projeto das ‘novas’ democracias da América Latina estão longe de ser satisfatórios” (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p.15).

Com base nesse contexto, os autores acreditam que os movimentos sociais desempenham “um papel crítico nessa luta” por projetos alternativos para a democracia e questionam

quais são os parâmetros dessa democracia e quais são as fronteiras do que deve ser definido como arena política. Para eles, os processos de globalização econômica, atrelados a uma política neoliberalista, introduziram uma nova relação entre o Estado e a sociedade civil, com definição distinta da esfera pública e seus participantes, baseada “numa concepção minimalista do Estado e da democracia”.

Enquanto a sociedade civil é obrigada a assumir as responsabilidades sociais evitadas pelo Estado neoliberal em processo de encolhimento, sua capacidade como esfera política crucial para o exercício da cidadania democrática está cada vez mais desenfaturada. Nessa concepção, os cidadãos devem fazer-se por seus próprios esforços particulares e a cidadania é cada vez mais equiparada à integração individual no mercado (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p.15-16).

Para os autores, neste novo cenário de cidadania há uma redefinição não apenas do sistema político, mas também das práticas econômicas, sociais e culturais como forma de “engendrar uma ordem democrática para a sociedade como um todo” (2000, p.16).

Os movimentos sociais não somente conseguiram traduzir suas agendas em políticas públicas e expandir as fronteiras da política institucional, como também lutaram de maneira significativa para redefinir o próprio sentido de noções convencionais de cidadania, representação política e participação e, em consequência, da própria democracia (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p.16).

Notamos que as sociedades da América Latina já vêm num processo de desenvolvimento de cidadania e os movimentos sociais têm se destacado nesse contexto antes mesmo do início do novo milênio. Os acontecimentos recentes ocorridos no Brasil não emergiram de uma hora para outra. Os rumos da história de uma nação se constroem no dia a dia, passam por transformações e sofrem influências externas.

Com relação ao cenário brasileiro, Gohn (2004) observa que uma série de mudanças ocorre no campo das lutas sociais na década de 1990. “A violência generalizada, a corrupção, as várias modalidades de clientelismo e corporativismo, os escândalos na vida política nacional etc., levaram a reações no plano moral” (p.304-305). A autora acrescenta que outras duas tendências se fortaleceram no cenário social nessa época, tendo relação direta com os movimentos sociais: o crescimento das ONGs e as políticas de parcerias implementadas pelo poder público local (p.309).

4. Facebook: articulação e engajamento social no impeachment de Dilma Rousseff

Em 2016, o Brasil acompanhou uma onda de manifestações públicas articuladas por grupos pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff nas mídias sociais digitais. Neste tópico, vamos analisar a publicação dos “eventos” articulados pelo Facebook de quatro grupos que atuaram no referido processo e a repercussão destes conteúdos junto aos seus seguidores. Dentro deste universo, o foco é buscar frases ou palavras-conceito a fim de encontrar vestígios que remetam à luta desses “movimentos em rede” em defesa de suas causas. Selecionamos quatro grupos com forte representatividade na articulação das manifestações públicas relacionadas ao fenômeno investigado e com considerável número de seguidores em suas *fanpages* e os dividimos igualmente em dois grupos.

No grupo a favor da saída de Dilma, encontramos o Movimento Brasil Livre (MBL) que se intitula “uma entidade sem fins lucrativos que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”; defende “a democracia, a República, a liberdade de expressão e de imprensa, o livre mercado, a redução do Estado, redução da burocracia” (Sobre MBL..., Facebook, 2017, s.p, s.d) e tem mais de 1,8 milhão de seguidores. O Vem pra Rua é “um movimento suprapartidário, democrático e plural que surgiu da organização espontânea da sociedade civil para lutar por um Brasil melhor”; suas bandeiras são “a democracia, a ética na política e um estado eficiente e desinchado” (Sobre nós..., Vem pra rua.net, 2017, s.p, s.d) e quase um 1,5 milhão de pessoas segue o grupo pelo Facebook.

No grupo contra o impeachment, analisamos Frente Brasil Popular (FBP) e Povo Sem Medo. O FBP agrega “militantes em defesa da democracia e de uma nova política econômica”, entre eles CUT, MST, UNE, PT e PC do B (Sobre Frente Brasil sem Medo, Facebook, 2017, s.p, s.d) e possui 100 mil seguidores. O outro, Povo Sem Medo, é “uma frente de mobilização composta por mais de 30 movimentos nacionais, focada em mobilizações contra o ajuste fiscal e o conservadorismo” e tem cerca de 93 mil seguidores (Sobre Povo sem Medo, Facebook, 2017, s.p, s.d).

Em 2016, os eventos articulados pelos quatro grupos nas redes sociais digitais começaram em março. No dia 13 daquele mês, “ao menos 337 cidades de todos os estados do país registraram atos contra a presidente”, levando 3,7 milhões de pessoas às ruas pela Polícia

Militar. As manifestações pró-presidente tiveram a adesão de 7 mil pessoas, em oito municípios brasileiros segundo a mesma instituição (Mapa..., Portal G1, 13 mar. 2016, s.p.).

Pelo Facebook, o MBL e Vem pra Rua “convocaram” os seguidores para a “Megamanifestação – Impeachment já!”. O Vem pra Rua obteve o interesse de 113 mil seguidores para participar do evento e registrou a participação de 406 mil pessoas no evento. Houve 6,3 milhões de compartilhamentos do *post* “13 de março, um dia que valerá por anos”. As palavras-chave das postagens remetiam à corrupção, fraude, incompetência. Frases como “Fora, Dilma!”, “Pelo impeachment! Pela Lava Jato! FORA DILMA!; 13 de março, ou você vai ou ela fica” faziam parte dos convites. Os chamamentos se deram por todo o país com a mesma similitude (Vem pra Rua, Facebook, s.d, s.p.).

De 13 de março até a conclusão do impeachment, em 31 de agosto de 2016, o MBL organizou seis eventos pelo Facebook – regionais e nacionais. Os convites pediam um basta à corrupção, crise, fraude fiscal; clamavam pela renúncia de Dilma, e convocavam os brasileiros a se unirem pela causa. Nos títulos dos convites, constavam: “Megamanifestação – Fora Dilma!; Renúncia Já – Todos em Brasília; Contra o Golpe do PT; Juntos pelo Impeachment”. Houve até convocação para a população acompanhar ao vivo, nas ruas, a votação do impeachment (Evento MBL, Facebook, s.d, s.p.).

Notamos semelhança nas ações do MBL e Vem Pra Rua e união na organização de datas de eventos e chamamento da população. Dos quatro eventos articulados pelo Vem pra Rua no Facebook, apenas um não coincidiu com o do MBL. Nos eventos divulgados nas mídias sociais digitais, ambos tiveram aderência dos seguidores às ações propostas por meio da participação nos eventos e compartilhamentos dos *posts*.

Com relação aos eventos articulados pelos grupos contra o impeachment, FBP e Povo Sem Medo promoveram 30 atividades fora do espaço virtual, divulgados em suas *fanpages*. Porém, a adesão aos manifestos foi menor em relação às atividades articuladas pelo MBL e Vem Pra Rua, assim como a baixa noticiabilidade da grande mídia. O maior protesto contra o impeachment ocorreu no dia 18 de março. Pelo Facebook, o grupo FBP, chamou os brasileiros para participarem de protestos por meio do *post* “Nas ruas contra o golpe, em defesa da democracia”, o qual foi compartilhado por 198 mil seguidores (Evento Frente

Brasil Popular, Facebook, 2017, s.p, s.d.). Nesta data, “ao menos 54 cidades de todos os estados do país registraram atos em apoio à presidente e a Lula”, com a presença de 275 mil pessoas nas ruas, segundo a PM (Mapa..., Portal G1, 18 mar. 2016, s.p.). Pelo Facebook da FBP, a participação foi de 34 mil pessoas (Frente Brasil Popular, Facebook, 2016, s.d, s.p.).

As palavras-chave utilizadas pelos grupos FBP e Povo sem Medo na publicação dos *posts* foram: contra o golpe, pela democracia; pela defesa da democracia; vulgarização golpista do impeachment, Brasil pela democracia. Algumas *hashtags*, frases ou expressões, comumente, usadas foram: #nãovaitergolpe #vaiterluta; Vamos às ruas! #GolpeNuncaMais #CorridaContraOgolpe #NãoVaiTerGolpe #VaiTerLuta; participe conosco e vamos juntos dizer não ao golpe! Assim, houve o chamamento dos grupos pelas mídias sociais para que os brasileiros fossem às ruas, ou seja, saíssem do ciberespaço para espaços públicos.

No período de investigação, notamos maior aderência dos brasileiros no Facebook aos eventos articulados pelos grupos a favor do impeachment, o que se refletiu nas ruas. Porém, não daria para creditar a saída de Dilma do governo somente por causa dessas mobilizações das redes sociais digitais, já que houve articulação no sentido pró e contra o impeachment. Acreditamos que a articulação dos grupos pró e contra o impeachment por meio das redes sociais digitais contribuiu para dar visibilidade aos eventos organizados, sem ter sido decisivo para a destituição da presidente de seu cargo, já que outros levantes da população brasileira ocorreram em diferentes momentos da história do país – como as Diretas Já, em 1984, e Impeachment do Collor, em 1992 – época em que não se falava em redes sociais.

4. Considerações finais

Na elaboração do texto, buscamos elementos a fim de compreender o fenômeno do impeachment de Dilma Rousseff na era da internet, considerando que sua reeleição foi um processo legítimo e democrático. Porém, a legitimidade para seguir num segundo governo numa eleição tão acirrada pode ter sido o indício de que os brasileiros já ansiavam por mudança social. Seu governo estava fragilizado pelo avanço das investigações da Operação Lava Jato da Polícia Federal e sofria críticas por conta do baixo crescimento econômico, medidas de ajuste fiscal, descaso de dinheiro público, entre outras questões que impactam o

dia a dia da população. Dentro deste contexto social e institucional, temos de considerar ainda interesses econômicos e políticos e o papel da grande mídia.

No impeachment de Dilma, acreditamos que a sociedade replicou experiências praticadas em outros lugares do planeta para exprimir sua indignação e insatisfação. Sem instituições que as representassem, as pessoas encontraram nos sites das redes sociais digitais um ponto de encontro para exacerbar suas queixas, se articular e se mobilizar. Saíram às ruas na esperança de mudança e transformação social e para lutar por suas causas e ideologias. A articulação, organização e mobilização social em prol de lutas por reconhecimento é uma consequência do contexto social da sociedade em rede, que utiliza a internet e seus benefícios para a promoção do chamado ativismo em rede ou ciberativismo. Contudo, sua efetividade e força se fazem mesmo no espaço público, no mundo real.

As ações de apoio e contra o impeachment de Dilma Rousseff nos permitem refletir sobre o processo de transformação social. A polaridade entre os grupos contribuíram para aprimorar o debate público que se fez presente nas redes sociais digitais e ganhou corpo no mundo real. A diversidade de ideologias entre grupos como os estudos aqui são fundamentais num processo de mudança porque permitem reflexão de prós e contra. O mais importante nesse contexto é ter a consciência que a sociedade, ao se unir e pensar no coletivo, tem poder para quebrar paradigmas e promover mudanças com vistas à evolução de gerações futuras. Este também é um processo que não tem fim, aberto para constantes transformações.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos** – novas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

CASTELLS, Manoel. **Redes de indignação e esperança**. São Paulo: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manoel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais** – Paradgmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAPA das Manifestações no Brasil. Portal G1. Política. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/todos/>. Acesso em: 23 dezembro 2016.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **As novas configurações das comunidades comunicacionais nas “comunidades de escolha”**. I Colóquio Brasil-China de Ciência da Comunicação. Espírito Santo, 2010.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que o “gigante acordou” (?)**. IV Jornada Acadêmica Discente do PPGCOM-USP, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PESQUISA Brasileira de Mídia 2015. Portal Secretaria de Comunicação Social. Brasília. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuaacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 23 dezembro 2016.

POPULARIZAÇÃO da ciência. **Movimento Brasil Livre**, s.d. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/mblivre/events/?ref=page_internal. Acesso em 23 dezembro 2016.

POPULARIZAÇÃO da ciência. **Vem para Rua**, s.d. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/VemPraRuaBrasil.org/events/?ref=page_internal. Acesso em 23 dezembro 2016.

POPULARIZAÇÃO da ciência. **Frente Brasil Popular**, s.d. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/FrenteBrasilPopular/events/?ref=page_internal. Acesso em 23 dezembro 2016.

POPULARIZAÇÃO da ciência. **Povo sem Medo**, s.d. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/povosemmedonacional/events/?ref=page_internal. Acesso em 23 dezembro 2016.

PRADO, Jean. Portal Tecnoblog. Disponível em: <https://tecnoblog.net/192063/internet-brasil-mundo-facebook/>. Acesso em: 23 dezembro 2016.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (Compos). Rio Grande do Sul, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSSINI, Patricia G. C.. **Das redes para as ruas: mídias sociais como “armas” na luta por reconhecimento**. Comunicação & Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, v. 36, n.1, p. 301-325, jul.-dez 2014.

SANTAELLA, Lucia. **O DNA das redes sociais digitais, in Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades** (BARBOSA, M; MORAIS, O.J. de (org.)). São Paulo, Intecom 2013.

SORJ, Bernardo. **Entre o local e o global**, in Junho de 2013 – A sociedade enfrenta o Estado (FIGUEIREDO, Rubens). São Paulo: Summus, 2014.